

A presença dos traidores na história de *Carlos Magno e dos Doze Pares de França*

ADEMIR APARECIDO DE MORAES ARIAS
Universidade de São Paulo
Brasil

Embora atualmente seja algo praticamente esquecido fora do mundo acadêmico, até o início do século XX a cultura dos sertões brasileiros foi marcada pela lembrança de heróis épicos europeus e de suas guerras contra os muçulmanos na Península Ibérica. Além das festas nas quais eram encenadas as lutas entre cristãos e mouros, no nordeste e no sul do Brasil, havia uma literatura que mantinha viva nas memórias locais os antigos personagens da épica francesa: Carlos Magno, Rolando (Roldão, Orlando), Olivier (Oliveiros), Naimes da Baviera (duque Nemé), Ricardo (Ricarte) da Normandia e Ogier o Dinamarquês (Urgel de Danôa). Também foi conservada a lembrança da batalha de Roncesvales e da lendária traição atribuída a Ganelon (Galalão).

Um texto que os folcloristas brasileiros afirmam ter sido muito difundido, do século XIX até a metade do XX, era a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*¹, uma tradução (e remanejamento) portuguesa feita a partir de um escrito castelhano, por Jerônimo Moreira de Carvalho, editada em Coimbra, em 1728, e depois ampliada e reeditada em Lisboa, em 1737. Houve várias edições dessa obra, e a lisboeta de 1863 fixou o modelo impresso nas décadas seguintes, tanto para as terras lusitanas quanto para as brasileiras². Trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses junto com outras bagagens³, desde o século XVIII as narrativas incentivaram representações das lutas entre cristãos e mouros, encenadas em vilarejos das mais diversas províncias, em especial no Nordeste canavieiro e pecuário. Viajantes estrangeiros no começo do século XIX anotavam em seus diários as festas nas quais grupos de cavaleiros, divididos em dois partidos, simulavam combates cujo encerramento se dava pela

¹ *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, traduzida do castelhano por Jerônimo Moreira de Carvalho, dividida em duas partes e nove livros e seguida da de *Bernardo del Carpio*, que venceu em batalha aos doze Pares de França, escrita por Alexandre Caetano Flaviense, Rio de Janeiro, Livraria Império, s.d. Pelo que pudemos verificar não era praxe dessa Editora informar o ano da publicação dessa obra e acreditamos que o volume usado em nosso trabalho tenha sido publicado em meados dos anos 1950.

² Luís da Câmara Cascudo, “Informação sobre a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*”, In: ———, *Cinco Livros do Povo*, Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, p. 446.

³ José Rivair Macedo, “Mouros e Cristãos: a Ritualização da Conquista no Velho e no Novo Mundo”, Texto originalmente publicado em: Francisco das Neves Alves (Org.), *Brasil 2000 – Quinhentos Anos do Processo Colonizatório: Continuidades e Rupturas*, Rio Grande-RS, Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2000, pp. 9-28. Disponível em: <http://gtestudosmedievais.ufrgs.br/mouros-e-cristaos.pdf>. Acessado em 3.10.2010, pp. 12-13.

“conversão” de um “rei mouro”. O inglês Henry Koster dá testemunho delas em Itamaracá, Bahia, em 1814, e Von Martius faz o mesmo em Ilhéus, também na Bahia, em 1819⁴.

Segundo o folclorista Câmara Cascudo, a *História do Imperador Carlos Magno* foi o livro mais conhecido dos brasileiros do interior, no meio rural das criações de gado e dos engenhos e plantações de cana-de-açúcar, não sendo uma obra apreciada nos centros urbanos. Para esse pesquisador, “Nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida”⁵. No início do século XX, mantinha-se viva a afeição pelos personagens épicos e esta pode ser medida por uma experiência do próprio Câmara Cascudo, ocorrida na cidade de Natal, em 14 de dezembro de 1949, quando ele viu o leiloeiro Nival Câmara apregoar dois botes, um pequeno nomeado “Roldão” e outro, um pouco maior, chamado “Oliveiros”⁶. A *História do Imperador Carlos Magno* podia servir de matriz para os textos da literatura de cordel⁷ e forneceu os motivos para os cantadores populares nordestinos, em seus desafios versificados, os quais se aproveitavam de determinados episódios para construir suas narrativas particulares⁸. Alguns títulos de livretos do cordel referem-se diretamente a determinadas aventuras dessa obra, como *A Batalha de Oliveiros com Ferrabras*, *Prisão de Oliveiros* ou *Roldão no Leão de Ouro*⁹.

É quase certo que na região fronteira entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, onde foi travada a “Guerra do Contestado” (1912-1916), essa obra foi apreciada. O “monge” José Maria, mistura de pregador itinerante, curandeiro e conselheiro dos grupos pobres da região, fazia a leitura de trechos desse livro para seus seguidores. As pessoas simples e rudes, com uma vida cheia de dificuldades em uma área rural em crise e onde grassava a violência, eram fascinadas por essas narrativas maravilhosas, nas quais se exaltava a fé religiosa, a coragem pessoal, a luta contra adversários transformados em “infiéis” e a fraternidade entre os mais valorosos membros da comunidade¹⁰. Houve uma identificação tão estreita dos ouvintes com a narrativa que uma guarda de honra criada entre os caboclos revoltados recebeu o nome de “os Doze Pares da França”, composta pelos vinte e quatro mais hábeis combatentes de suas fileiras¹¹.

A obra de Jerônimo Moreira de Carvalho, como dissemos, consistiu numa tradução/remanejamento de um texto em prosa castelhana escrito por Nicolas de Piemonte, editada em Sevilha, entre 1521 e 1525, intitulada *Historia del Emperador Carlos Magno y de los Doce Pares de Francia*. Este, por sua vez, era uma versão de outro texto, francês, editado em Lausanne, em 1478, por Jehan Bagnyon, com o título *L’Histoire de Charlemagne*, também conhecido como *Roman de Fierabras*¹². Este último, cuja difusão conheceu um enorme sucesso, teve reedições em Genebra, Lyon e Paris, nos anos seguintes ao seu lançamento, e foi traduzido e impresso na Inglaterra e na Alemanha, além da Península Ibérica. As traduções feitas na Espanha e em Portugal foram levadas para suas colônias americanas e africanas, onde

⁴ Luís da Câmara Cascudo, *Antologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo, Martins, 1965, vol. I, pp. 71; 94-95.

⁵ Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, 1953, p. 441.

⁶ *Idem*, p. 447.

⁷ Jerusa Pires Ferreira, *Cavalaria em Cordel*. O Passo das Águas Mortas, São Paulo, Hucitec, 1979, pp. 15-26.

⁸ Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, 1953, pp. 441-442.

⁹ Jerusa Pires Ferreira, *op. cit.*, pp. 124-125. No caso, os dois primeiros contos foram baseados nos Cap. VIII-XIV e XV-XIX, do Livro I, da 1ª Parte da *História de Carlos Magno*, e o terceiro conto dos Cap. XIV-XV, do Livro I, e Cap. III-VI, do Livro II, da 2ª Parte dessa obra.

¹⁰ Marli Auras, *Guerra do Contestado*: Organização da Irmandade Cabocla, Florianópolis-SC, Editora UFSC; Assembléia Legislativa, São Paulo, Cortez, 1984, p. 61. Márcia Janete Espig, *A Presença da Gesta Carolíngia no Movimento do Contestado*, Canoas-RS, Editora ULBRA, 2002. Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*, São Paulo, Ática, 3. ed., 1981, pp. 82-83.

¹¹ Márcia Janete Espig, *op. cit.*, pp. 199-217; Maurício Vinhas de Queiroz, *op. cit.*, p. 85.

¹² Jehan Bagnyon, *L’Histoire de Charlemagne* (parfois dite Roman de Fierabras), Éditée par H.-E. Keller, Genève, Droz, 1992.

originaram as *décimas* recitadas por cantadores populares de língua castelhana no Panamá, no Chile e em Porto Rico¹³, e favoreceram o surgimento de peças teatrais, os autos populares, como o *Auto de Floripes*, na ilha de Príncipe, na África, e as encenações de lutas entre mouros e cristãos em terras brasileiras¹⁴.

Na leitura da Primeira Parte da narrativa de Jerônimo M. de Carvalho podemos observar a presença de indícios das Canções de Gesta *Fierabras* (correspondendo a todo o Livro II), a *Chanson d'Aspremont* (Capítulos IV a IX do Livro III) e a *Chanson de Roland* (Capítulos II a VI, do Livro IV), mas estas duas últimas na versão adaptada da clerical *Chronique du Pseudo-Turpin*, escrita como a parte “histórica” de um guia de peregrinação para Santiago de Compostela, no século XII. Há outros grupos de lendas ou escritos utilizados na *História do Imperador Carlos Magno* luso/brasileiro, mas parecem afastadas da tradição épica francesa. A influência de obras renascentistas como o *Orlando Innamorato*, de Matteo Maria Boiardo (1441-1494) fez-se sentir na edição portuguesa de 1737, cuja Segunda Parte, incluída nessa data, era uma ampliação na qual foram empregadas as obras italianas do século XV. Assim, os capítulos relativos aos amores de Roldão com a sarracena Angélica desfiguram totalmente a história original de Rolando, morto ainda solteiro, embora tivesse prometido casar-se com Aude, irmã de seu companheiro Olivier. Quanto à *História de Bernardo del Carpio*, só foi incluída na obra em 1745 por um outro autor¹⁵.

Na *História do Imperador Carlos Magno*, certos valores se sobressaem: a coragem, a fidelidade, o respeito à palavra dada, a fé intransigente em Deus e nos santos e um monarquismo presente no Brasil como decorrência da tradição sebastianista, servindo de reforço a um ideal milenarista evidente em movimentos que sacudiram os sertões nordestinos (Canudos-Bahia, em 1896-1897) e, em especial, na região limítrofe entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, a área do “Contestado”¹⁶. O sertanejo, homem de um mundo rural tradicionalista e conservador, via nesse modelo épico exposto no livro de cavalaria um modo de vida a ser seguido, no qual a honra estava acima de qualquer outra consideração. Sua própria existência era encarada como um combate constante, quer contra a natureza (secas, pragas, más colheitas), quer contra outros homens (latifundiários, cangaceiros, policiais)¹⁷.

Ao mesmo tempo, o texto apresenta determinados atos considerados desonrosos, o principal deles a traição movida contra os irmãos de fé, os companheiros de armas e o senhor/rei; os representantes desse nefando são Galalão (Ganelon) e os parentes deste. Esta definição da linhagem traidora, fonte de todos os males e conflitos que recaem sobre o reino da França, é algo desenvolvido aos poucos, no transcorrer do século XI até o século XV. Quando Jean Bagnyon escreveu seu texto, já estava definitivamente formada a lenda negra dos “ganelidas” e esta foi mantida pelas versões espanhola e portuguesa de sua obra.

Definir exatamente o que foi a traição na Idade Média e o seu alcance é extremamente complicado. Os estudiosos voltados a esse tema costumam usar uma frase do jurista e historiador inglês Frederic William Maitland (1850-1906) para expressar essa dificuldade: “Treason is a crime which has a vague circumference and more than one centre”¹⁸. Isso ocorre devido ao fato de esse crime ser extremamente

¹³ André de Mandach, *La geste de Fierabras: Le jeu du réel et de l'in vraisemblable*, Genève, Droz, 1987, pp. 55-58.

¹⁴ Alexandra Gouvêa Dumas, “Encruzilhada Atlântica na Rota Carolíngia – uma Breve Análise do Auto de Floripes (Príncipe-África) e da Luta de Mouros e Cristãos (Prado-Bahia-Brasil)”, In: IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFB, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <http://cult.ufba.br/enecult2008/14122.pdf>. Acessado em 3.10.2010.

¹⁵ Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, 1953, p. 445.

¹⁶ Márcia Janete Espig, *op. cit.*, pp. 73-163.

¹⁷ Jerusa Pires Ferreira, *op. cit.*, pp. 67-114.

¹⁸ J. G. Bellamy, *The Law of Treason in England in the Late Middle Ages*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004, p. 1; S. H. Cuttler, *The Law of Treason and Treason Trials in Later Medieval France*, Cambridge, Cambridge University Press, 1981, p. 1; Maïté Billoré, “Presentation”, In: Maïté Billoré & Myriam Soria (Org.), *La trahison au Moyen Âge. De la monstruosité au crime politique (V-XV siècle)*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2009, p. 11.

abrangente e a sociedade feudo/vassálica européia entrelaçar relações que entenderíamos como de caráter “público” com outras de caráter “privado”. Por exemplo, a fidelidade devida ao rei como soberano e aquela devida a ele como senhor feudal. No primeiro caso uma obediência irrestrita e no segundo uma obediência regida por um contrato onde deveria existir reciprocidade, mas em ambos existia a possibilidade de violação e a ocorrência de represálias ou ações armadas *hostis* entre as partes envolvidas.

Acreditamos que dois documentos medievais, um do início do século XI e outro do final do século XIII, forneçam uma base razoável para observarmos os diversos tipos de traição correntes nas canções de gesta perpetradas por Ganelon e sua linhagem. O primeiro escrito é a famosa epístola do bispo Fulbert de Chartres ao duque da Aquitânia Guilherme V, de 1020, na qual o clérigo tentava definir as obrigações do vassalo perante seu senhor. Caberia a quem serve não atentar contra a vida e o corpo, os segredos e fortalezas, os direitos e a honra, os bens e os empreendimentos daquele a quem prometera servir¹⁹. Caso não o fizesse, o faltoso poderia ser acusado de *infidus*, termo latino que, transposto para o vernáculo das canções de gesta, seria traduzido por *traître*.

Já o texto de Philippe de Beaumanoir, datado de 1283, definia a traição como o esconder o ódio por outra pessoa para poder destruí-la, envolvendo ainda a violação de tréguas acordadas ou o falso testemunho para levar à morte, deserdar, banir ou excitar o rancor do senhor contra aquele a quem se devotava o ódio²⁰. Esses escritos completam-se, pois estabelecem o conjunto de atos passíveis de serem enquadrados como traição e mostram que o alcance deles é grande tanto no sentido vertical (laços de obediência/serviço a um superior) quanto horizontal (laços de camaradagem/aliança entre guerreiros). Foi justamente nesses pontos que os “ganelidas” incorreram nas suas faltas, dissimulando suas intenções e sentimentos tanto do imperador Carlos Magno, quanto dos demais barões de sua hoste.

Dos poemas citados, a *Chanson de Roland* (c. 1060-1100) e a versão do *Pseudo-Turpin* fazem de Ganelon o único responsável pela morte dos doze Pares da França. Já o *Fierabras* (c. 1190) mostra a linhagem “ganelida” como um todo, voltada à traição e desejosa de dominar o reino em lugar de Carlos Magno. Conhecemos outros poemas onde essa conspiração é levantada, como os tardios *Gaydon* e *Jehan de Lançon*. Observamos, ainda, que era comum ligar as crises enfrentadas pela monarquia ou pela França, nas canções de gesta dos diversos Ciclos, ao ato de Ganelon, pois este privara o império de seus defensores naturais e o rei de seus guardiões. Uma análise dos poemas épicos demonstra o quanto poetas e jograis trabalharam para estabelecer os estereótipos dessa família de traidores, talvez acompanhando as mudanças ocorridas no gosto de seu público e/ou nas condições político-sociais pela quais passava a aristocracia cavaleiresca francesa em fins do século XII²¹.

Considerada a mais antiga das canções de gesta, a *Chanson de Roland*²² tem como trama central a antipatia de Ganelon por Rolando, do padrasto pelo enteado que é sobrinho de seu senhor e rei. Não é dito o que motivou a desavença entre os personagens, mas ela parece antiga e fica evidente quando do conselho dos cristãos ao debater a proposta de paz oferecida por Marsílio, rei de Saragoça. Rolando é partidário da continuação da guerra até a vitória final, enquanto Ganelon defende o acordo com os infiéis e encontra o apoio de Naimés da Baviera. Como era necessário enviar uma embaixada a Saragoça, o sobrinho do imperador indica seu padrasto e este, dizendo-se prejudicado pelo enteado, promete vingar-se e prejudicar ainda os demais pares da França. O fato de ser um serviço a ser prestado para o imperador não serve de freio ao ódio de Ganelon. Em Saragoça, ele não apenas orienta os sarracenos sobre como

¹⁹ F.-L. Ganshof, *Qu'est-ce que la féodalité?* Paris, Tallandier, 1982, pp. 134-136.

²⁰ Philippe de Beaumanoir, *Coutumes de Beauvaisis*, Texte critique publié par Am. Salmon, Paris, Alphonse Picard et Fils, 1899, p. 430.

²¹ Adalbert Dessau, “L'idée de La trahison au moyen âge et son rôle dans la motivation de quelques chansons de geste”, *Cahiers de civilisation médiévale*, T-9, n. 1, 1960, p. 26.

²² *Chanson de Roland* (La), Édition critique et traduction de Ian Short, Paris, Le Livre de Poche, 1990.

destruir a elite do exército de Carlos Magno, mas ainda se compromete por juramento a garantir o êxito da empreitada contra os cristãos²³. Ao fazer esse acordo, ele tinha consciência de que estaria atingindo também o seu senhor, pois Marsílio foi claro ao falar de seu interesse em derrotar Carlos Magno e fazê-lo sair da Espanha. Do mesmo modo, Ganelon não hesitou em informar que a destruição dos Doze Pares e de seus vinte mil franceses levaria o imperador cristão a renunciar a qualquer novo empreendimento de conquista. Para os ouvintes do poema, a alegação posterior do traidor, ao defender-se na corte em Aix, de ter servido ao rei “com fidelidade e amor” não tinha fundamento algum. Ganelon não só revelara aos inimigos de seu senhor os segredos de sua força, como ainda tentou prejudicar os planos imperiais e levar ao fracasso algo já em vias de concretizar-se: a tomada da Península Ibérica pelos cristãos.

Por outro lado, Ganelon omitiu aos franceses a informação dos preparativos sarracenos para o ataque à sua retaguarda e indicou aqueles a quem detestava para a posição condenada ao massacre. E esse ato era dirigido contra cristãos que estavam, assim como ele, a serviço do imperador em uma guerra pela fé cristã. Se Ganelon podia alegar o direito de vingança, a utilização dos inimigos do Cristianismo para esse fim desacreditava a justificação de sua conduta. Caso não tivesse havido a traição, podemos supor, sua parentela o apoiaria quando voltassem à França e, possivelmente, intermediado pelo monarca, chegar-se-ia a um acordo compensando a injúria feita por Rolando. Talvez fosse este o comportamento esperado entre cristãos, mas não foi a opção adotada no poema. Após o massacre da retaguarda cristã, do retorno e da vitória definitiva do imperador na Espanha, Ganelon é julgado e condenado à morte, depois de seu campeão, Pinabel, ter sido derrotado em duelo judicial por Thierry do Anjou, defensor da causa do rei. A *Chronique du Pseudo-Turpin* resume a embaixada de Ganelon e suprime a discussão com Rolando²⁴, bem como o desenrolar da luta em Roncesvales e a morte dos Doze Pares, e é esta versão resumida a adotada na *História do Imperador Carlos Magno* de Jerônimo M. de Carvalho.

Nota-se, no poema (bem como na versão do *Pseudo-Turpin*), que a decisão de Ganelon foi individual, baseada no orgulho pessoal ferido por Rolando. Nenhum parente acompanhou o traidor até Saragoça, embora vários se oferecessem para isso, sendo dispensados com a justificativa de não virem a morrer mais bravos cavaleiros às mãos dos sarracenos naquela embaixada perigosa²⁵. Não houve consulta à linhagem sobre como proceder diante do insulto sofrido por um de seus membros e nem sobre o acordo feito com os pagãos. O compromisso assumido diante de Marsílio, através de um juramento, foi apenas de Ganelon. Os tesouros dados pelos pagãos foram para recompensar este por sua ajuda e conselhos.

A linhagem não participou da traição, mas procurou defender seu membro diante da corte de justiça imperial e, depois, pagou com a vida de trinta de seus homens a comprovação do crime. Em nenhum momento ela levantou a questão da falta cometida, pois sua obrigação se limitava à defesa de Ganelon, independentemente de sua culpa ou inocência. A linhagem existia para proteger e ajudar aqueles que a compunham ou a ela haviam se aliado. Criava-se uma solidariedade entre seus membros e estes compartilhavam a honra e o orgulho de estarem nela agregados. Ter um de seus integrantes morto vergonhosamente, culpado de um crime infame, mancharia a dignidade de todos. Daí a necessidade de dar proteção e defender a causa, certa ou errada, de quem estivesse sendo julgado²⁶. Em nenhum momento Pinabel questionou Ganelon sobre a traição, pois sentia-se obrigado a defender sua linhagem como um todo e, caso não o fizesse, conforme disse a Thierry durante o duelo, ele seria alvo de reprovação²⁷.

²³ *Chanson de Roland*, vv. 537-608.

²⁴ *Traduction du Pseudo-Turpin du Manuscrit Vatican Regina 624* (La), Édition avec introduction, notes et glossaire par Claude Buridan, Genève, Droz, 1976, p. 108.

²⁵ *Chanson de Roland*, vv. 349-359.

²⁶ Marc Bloch, *La société féodale*, Paris, Albin Michel, 1994, pp. 183-196.

²⁷ *Chanson de Roland*, vv. 3906-09.

A *Chanson de Roland* tinha um traidor, Ganelon, e este não agira criminosamente por um pendor de sangue. Outros poemas, como a *Chanson des Saisnes*, lembravam a traição em Roncesvales, nomeando apenas o barão que a cometera²⁸, e as conseqüências nefastas para o reino, pois seria através de seu sobrinho e dos Doze Pares que o imperador impunha sua vontade aos grandes chefes territoriais²⁹. Tal qual Judas Iscariotes, Ganelon agira sozinho, em ação individual, movido por motivos pessoais, no caso deste último, a busca de vingança contra quem o havia humilhado diante de uma hoste.

Na passagem do século XII para o século XIII, uma série de modificações se processou nas canções de gesta. Uma dessas transformações afetou a relação existente entre o traidor e sua mesnada. Não existe uma indicação de como e onde essa mudança primeiramente ocorreu, mas em alguns poemas datados de 1180-1200 já começa a aparecer a personalidade traiçoeira de Ganelon ligada ao caráter mau de sua linhagem.

Há indícios em certos poemas da existência anterior de uma parentela criadora de problemas no reino, a *mesnie Alori*, inclusive desejosa de tomar a coroa francesa para si³⁰. Não encontramos, até agora, uma justificação para o nome Alori ser considerado o do patriarca desses traidores e nem referência a algum poema colocando esse personagem como elemento principal de discórdias em sua narrativa. Pudemos observar, entretanto, não estar essa mesnada, de início, referida a Ganelon. A relação só se estabelece quando os poetas/jograis aglutinam em uma única família todos os personagens que recorrem a procedimentos vis, traiçoeiros ou maliciosos para atingir seus objetivos e procuram prejudicar os heróis dos poemas ou mesmo o monarca.

Talvez o primeiro poema a apresentar claramente as mudanças temáticas na épica francesa seja o *Girart de Vienne*, de Bertrand de Bar-sur-Aube³¹, escrito entre 1180 e 1184. Não se trata de uma obra nova e sim de um remanejamento de uma canção antiga na qual Carlos Magno guerreava um vassalo que não cumprira suas obrigações para com o imperador³². Na versão de Bertrand, Geraldo de Vienne é vítima de uma injustiça do rei e, portanto, tinha motivos para se revoltar³³. Além dessa inversão da culpa pelo conflito, outra característica deste poema é a fixação dos Ciclos, também chamados de “Gestas”, nos quais se divide a épica carolíngia: Ciclo do Rei ou de Carlos Magno, Ciclo de Garin de Monglane ou de Guilherme de Orange e Ciclo dos Vassalos Rebeldes ou de Doon de Mayence. Ao descrever o Ciclo de Doon de Mayence, no qual estão incluídos os rebeldes dos textos do final do século XII e do século XIII, Ganelon é apresentado como um dos seus membros e sua parentela mostrada como portadora de muito orgulho e inveja³⁴, dois pecados capitais na visão religiosa medieval³⁵. Essa associação serve tanto para denegrir a parentela quanto o seu representante, pois os defeitos morais de ambos ficam entrelaçados na

²⁸ *Chanson des Saisnes* (La), Édition critique par Annette Brasseur, Genève, Droz, T-I, 1989, vv. 425-428.

²⁹ No caso da *Chanson des Saisnes*, a ausência de Rolando e dos doze Pares permitiu a alguns barões franceses recusar participarem de uma hoste que Carlos Magno pretendia levar à Saxônia para vingar a destruição da cidade de Colônia pelos pagãos.

³⁰ *Couronnement de Louis* (Le), Chanson de geste du XIIe siècle, éditée par Ernest Langlois, Paris, Honoré Champion, 1984, vv. 1496-1500. Trata-se do episódio da tentativa de golpe dos normandos Ricardo e Acelino contra o rei Luís, filho de Carlos Magno.

³¹ Bertrand de Bar-sur-Aube, *Girart de Vienne*, Publiée para Wolfgang Van Emden, Paris, A. et J. Picard, 1978.

³² Existem referências a uma Canção antiga na qual Geraldo de Vienne deixara de comparecer à corte de Carlos Magno, levando este a mover-lhe guerra para chamá-lo aos seus deveres, na islandesa Saga de Carlos Magno e numa crônica em rimas da primeira metade do século XIII. *Saga de Charlemagne* (La), Traduction, notices, notes et index par Daniel W. Lacroix, Paris, Le Livre de Poche, 2000; Philippi Mousket, *Historia Regum Francorum*, Edidit Adolfus Tobler, In: *Monumenta Germaniae Historica, Leipsig*, Verlag Karl W. Hiersemann, 1925, Tomus XXVI, pp. 718-821. A obra de Philippe Mousket é mais conhecida como *Chronique rimée*.

³³ Dominique Boutet, *La chanson de geste*, Paris, PUF, 1993, pp. 235-237.

³⁴ *Girart de Vienne*, vv. 8-26.

³⁵ Carla Casagrande & Silvana Vecchio, *Histoire des péchés capitaux au Moyen Âge*, Paris, Aubier, 2003.

matéria épica, mostrando que somente de uma linhagem com características negativas poderia ter saído o traidor de Roncesvales. Existe um poema chamado *Gaufrey*, no qual Doon é descrito como o pai de doze rapazes e alguns destes (Doon de Nanteuil, Geraldo do Roussillon) e/ou a sua prole (Reinaldo de Montauban, Ogier o Dinamarquês) aparecem em outras canções como os rebeldes em confronto com o imperador. O terceiro dos filhos de Doon de Mayence é Grifon, pai de Ganelon, e só este descendente da linhagem é apresentado negativamente pelo seu crime em Roncesvales³⁶. Mas, como consequência, todo este ramo acaba sendo visto de forma desfavorável se comparado aos outros ramos da família de Mayence³⁷.

Em fins do século XII, surgiu a versão conhecida do poema *Fierabras*³⁸; neste, Ganelon e sua família já estavam unidos pela disposição em prejudicar seus companheiros de armas e o imperador. Quando Carlos Magno pede conselho diante da demora no regresso dos Doze Pares, enviados como mensageiros ao rei sarraceno Balan, Ganelon sugere o abandono deles e a volta da hoste para a França, alegando a morte dos enviados, no que é apoiado por seus parentes Macário, Hardré e Alori³⁹. Depois, a linhagem comandada por Alori, durante a batalha da ponte de Maltribe, tentou abandonar o imperador e o exército cristão, retornar à França e tomar posse do reino em favor do pai de Ganelon⁴⁰. Esse intento seria facilitado pelo fato de estarem na Espanha os que poderiam opor-se ao golpe, possivelmente mortos junto com o rei. Embora os crimes não se concretizem nesta canção, em mais de uma oportunidade é lembrado que uma traição gravíssima iria acontecer no futuro, já antecipando Roncesvales.

No *Renaut de Montauban*⁴¹, escrito no início do século XIII, a linhagem “ganelida” é a principal responsável pela crise que leva o rei a combater os quatro filhos do conde Aymon de Dordogne: Reinaldo, Alard, Guiscardo e Ricardinho. Primeiro ela incita o desejo de vingança de Carlos Magno contra Beuves de Aygremont, pela morte do filho do rei, Lotário (Lohier). Embora se dissesse disposto a perdoar o assassino e oferecesse a este um salvo-conduto, incentivado pelos “ganelidas”, o imperador quebra sua palavra e autoriza esta linhagem, a única capaz de realizar um ato considerado infame, a emboscar e matar o barão⁴². Mais tarde, quando a guerra contra Reinaldo de Montauban atinge o auge, é a linhagem de Ganelon a interessada em defender sua continuação até a derrota do rebelde, pois só assim os traidores conseguiam ficar próximos ao rei, como seus conselheiros favoritos. Para isto, ela não só oferece as forças necessárias ao combate aos “aymonidas”, como ainda vigia os outros barões, denunciando-os caso ajudassem os rebeldes. Na versão do manuscrito *La Vallière*, quando as tropas francesas, capitaneadas pelos Doze Pares da França, abandonam o imperador e a sua intransigência em não aceitar um acordo de paz, só a mesnada traidora permanece no acampamento⁴³. Finda a luta, os traidores não aconselham mais seu senhor, substituídos pelos barões que defenderam um acordo de paz com os “aymonidas” desde o início do conflito.

A fixação dos “ganelidas” como linhagem composta de traidores e cuja maldade está presente no sangue é observada nos poemas onde as histórias são consideradas posteriores à execução de Ganelon.

³⁶ Paul Aebischer, “La mesnie Doon de Mayence et son plus illustre représentant, Ogier le Danois, In: ———, *Des annales carolingiennes à Doon de Mayence*, Genève, Droz, 1975, p. 204.

³⁷ *Gaufrey*, Chanson de geste publiée pour la première fois d’après le manuscrit unique de Montpellier par MM. F. Guessard et P. Chabaille, Paris, Vieweg, 1854, p. 4, vv. 86-88.

³⁸ *Fierabras*, Chanson de geste du XIIe siècle, Éditée par Marc Le Person, Paris, Honoré Champion, 2003.

³⁹ *Fierabras*, vv. 4566-4615.

⁴⁰ *Idem*, vv. 5134-5144.

⁴¹ *Renaut de Montauban*, Édition critique du manuscrit Douce, par Jacques Thomas, Genève, Droz, 1989.

⁴² *Renaut de Montauban*, vv. 1299-1556.

⁴³ *Chanson des quatre fils Aymon (La)*, D’après le manuscrit La Vallière, par Ferdinand Castets, Genève, Slatkine, 1974, vv. 15079-15086.

Assim, o *Gaydon*⁴⁴ mostra essa linhagem desejosa de vingar-se do cavaleiro vencedor de Pinabel no duelo judicial, Thierry do Anjou (Gaydon), e com esse objetivo ela emprega os métodos mais infames para incriminar esse vassalo fiel diante de Carlos Magno. Recorre a falsos testemunhos ou a acusações mentirosas para criar a desconfiança e o ódio do senhor em relação ao barão, o que para Philippe de Beaumanoir, como vimos, já caracterizava uma traição. Os traidores utilizam com essa intenção a sua riqueza, com a qual obtêm os favores de um rei visto como cúpido e senil, imagem esta tornada comum nas canções, no decorrer do século XIII, justificando em certo sentido, através da decadência física desse personagem, o apoio aos atos dos “ganelidas” contra o herói do poema. Mas o objetivo principal do grupo, desde o começo da narrativa, é descartar Carlos e assumir o trono da França, recorrendo, em duas oportunidades, ao uso do veneno contra o imperador⁴⁵ e, depois, ao seqüestro dele⁴⁶.

O sub-ciclo de Nanteuil também mostra essa parentela como nefasta para o império, pois é a responsável pelos conflitos entre o rei e Garnier e Gui de Nanteuil. Graças aos seus “presentes”, ela consegue o apoio de Carlos Magno, apesar de outros vassalos, como Naimés da Baviera, Ogier o Dinamarquês e Ricardo da Normandia desaconselharem a ação guerreira. No *Aye d’Avignon*⁴⁷, Berengário, filho do finado Ganelon, é quem inicia a crise ao desejar a herdeira que dá nome ao poema, em detrimento de Garnier; para conseguir seu intento, recorre ao ataque às fortalezas do reino e ao rapto de Aye, na tentativa de desposá-la à força, enquanto o imperador estava ocupado em luta contra os saxões, inimigos da Cristandade. Obrigado a fugir para terras pagãs, o faltoso altera seus planos e oferece a jovem cristã ao rei Marsilion de Saragoça, afirmando ser isso suficiente para o sarraceno ter direito à coroa da França, com a possibilidade de descartar um herdeiro cristão legítimo, mas fraco⁴⁸. Berengário não recua nem diante da apostasia, ato extremo não seguido pelos parentes que o acompanharam à Espanha. No *Gui de Nanteuil*⁴⁹, continuação do *Aye d’Avignon*, os “ganelidas” prosseguem tentando provocar a ruína de seu adversário e desta vez convencem o imperador, usando um tesouro como presente, a dar a herdeira da Gasconha a um de seus integrantes, muito embora a jovem Ayglentine estivesse interessada em desposar Gui, senhor de Nanteuil. A conseqüência disto é uma nova luta entre um vassalo fiel e o seu cúpido senhor, usado pelo clã de traidores, acarretando humilhação complementar ao rei: pagãos vindos de Maiorca chegam para lutar ao lado do cavaleiro rebelde e são fundamentais para a sua vitória militar. Embora no final da canção sejam todos eles batizados, as derrotas sofridas pelos cavaleiros franceses antes disso acentuam a injustiça de sua causa e a do imperador, em uma forma extremada de julgamento de Deus.

Existe, no chamado Ciclo dos Vassalos Rebeldes, um poema cujo desfecho contradiz o de todos os demais desse grupo, o *Jehan de Lançon*⁵⁰. Os diversos barões que enfrentaram Carlos Magno – Reinaldo de Montauban, Ogier, Geraldo de Vienne, Thierry/Gaydon, Garnier e Gui de Nanteuil – fizeram as pazes com seu senhor, no final de suas aventuras, e puderam ser readmitidos em sua corte. O *Jehan de Lançon* termina com este personagem conduzido ao cárcere pelo imperador, onde permanece até o fim de seus dias. A diferença desta canção de gesta em relação às demais é a linhagem de seu “herói”: ele pertence à mesnada de Ganelon e este é mostrado ainda vivo, fazendo o possível para evitar que Carlos subjugue ou derrote seu parente, bem como ambicionando a coroa imperial⁵¹. Escrito cerca de 1230-1240, o poema é de uma época na qual a realeza capetíngia conseguira derrotar seu mais poderoso

⁴⁴ *Gaydon*, Chanson de geste publiée par M. F. Guessard, Paris, A. Franck, 1862.

⁴⁵ *Gaydon*, pp. 3-9; p. 110.

⁴⁶ *Idem*, pp. 319-326.

⁴⁷ *Aye d’Avignon*, Chanson de geste anonyme, Édition critique par S. J. Borg, Genève, Droz, 1967.

⁴⁸ *Aye d’Avignon*, vv. 1645-1665.

⁴⁹ Gui de Nanteuil, Chanson de geste, Édition critique par James R. McCormack, Genève, Droz ; Paris, Minard, 1970.

⁵⁰ *Jehan de Lançon*, Chanson de geste du XIIIe siècle, Publiée par Jean Duplessy, Paris, Le Léopard d’Or, 2004.

⁵¹ *Jehan de Lançon*, vv. 1650-1664.

adversário, a dinastia Plantageneta (Bouvines, 1214; Taillebourg, 1242) e adquirira poder suficiente para controlar mais estreitamente a aristocracia cavaleiresca francesa. Nos poemas anteriores, os “ganelidas” eram inimigos dos rebeldes, que, por vezes, eram mostrados como oriundos de uma mesma parentela, lembrança da filiação comum no *Doon de Mayence*, em confronto com a dos maus vassalos. Ter colocado Jehan como membro da má linhagem permitiu ao poeta ultrapassar um limite antes intransponível: o da derrota total do barão em revolta contra o imperador. Encarada como forma de propaganda monárquica, esta canção estabelece o princípio de que o poder real não deveria encontrar oposição para ser exercido, estando fadada ao fracasso qualquer tentativa de contestá-lo⁵². Para construir essa mensagem, houve a necessidade de criar um enredo e um personagem cuja condenação fosse aceita e esperada pelo público do poema. A derrota e a punição dos membros da linhagem de Ganelon eram algo certo e previsível, na poesia épica do século XIII, pois ela era vista como malévolos e seus atos como prejudiciais ao reino da França e à dignidade imperial. Esta imagem já dominava as narrativas e criava um grupo, dentro da Cristandade, capaz de servir como “bode expiatório” no decorrer das crises cantadas nos poemas.

Podemos observar, através dessas várias canções de gesta do final do século XII e do século XIII, a ocorrência de uma transformação fundamental na identificação da traição na epopéia francesa. Se antes consistia em um ato individual decorrente de uma motivação pessoal do traidor, passou-se a ver essa falta como algo coletivo, engendrado por um grupo de indivíduos unidos por laços de parentesco, portador dessa característica negativa em seu próprio sangue, não tendo seus integrantes como evitar a manifestação desse defeito. A partir disso, Ganelon deixava de ser o responsável individual pela perda de sua linhagem (*Chanson de Roland*) e passava a um mero representante dela, embora ainda fosse o mais famoso de uma parentela dominada por ambição, inveja e cupidez incontroláveis. Estes vícios conduziam os membros da mesnada a se comportarem como traidores, a serem desleais com seu senhor e com os demais guerreiros cristãos. Esse tipo de maldade deixava de ser uma escolha do indivíduo, nas canções de gesta, para se tornar coletiva e pré-determinada, uma conspiração de homens degenerados, cujos pensamentos estavam voltados para a concretização de atos traiçoeiros e condenáveis, apesar de pertencerem a uma aristocracia cavaleiresca da qual se esperavam apenas virtudes. Embora possa parecer comparação até abusiva, para os medievos os “ganelidas” comportavam-se diante da cavalaria cristã tal como os heréticos diante do cristianismo católico romano: eram uma fonte de conflito, de desvio da sociedade, de humilhação da fé cristã e uma ameaça de destruição para o reino da França. Somente o extermínio dessa linhagem possibilitaria a paz, mas isso era impossível devido ao grande número de seus membros, à sua riqueza e influência, apesar das sucessivas derrotas e das inúmeras mortes em suas fileiras.

Essa passagem da concepção de um crime individual para coletivo podia excepcionalmente criar uma situação nova para Ganelon. Embora na *Chanson de Roland* houvesse elogios à sua pessoa e ao seu porte físico, sua fidelidade ao imperador fora desacreditada durante a entrevista com Marsílio, em Saragoça. Os conselhos dados ao pagão visavam a fazer Carlos Magno retirar-se da Espanha sem terminar a conquista daquela terra e a destruir-lhe a vontade de lutar pela fé cristã. Para se vingar de Rolando, o perjuro acabou por agir contra os interesses de seu senhor, o que ficou claríssimo na entrevista privada com Marsílio. Já no *Fierabras*, Ganelon tem momentos positivos, onde se opõe aos desígnios de sua própria linhagem. Na já citada batalha de Maltribles, enquanto Alori pregava a deserção dos “ganelidas” e o abandono do imperador, Ganelon recusa-se a realizar tal ato, preferindo manter a fidelidade ao seu senhor; e quando o gigante recém-convertido Fierabras chega, perguntando sobre Carlos Magno, o futuro traidor dos Doze Pares o acompanha no resgate ao monarca, apesar do risco representado pelo grande número de pagãos presentes na ponte fortificada⁵³. Embora pudesse ser favorecido pela traição, nesse

⁵² Dominique Boutet, “Les chansons de geste et le affermissement du pouvoir royal (1100-1250), *Annales E.S.C.*, (1): 12-13, 1982.

⁵³ *Fierabras*, vv. 5145-5182.

momento Ganelon preferiu manter a lealdade ao rei e frustrou os desejos de sua mesnada. Esta, portanto, tornou-se mais propensa à maldade do que aquele a quem poderíamos considerar o seu “representante máximo”. Posteriormente o personagem seria mensageiro ao acampamento do rei sarraceno Balan e se comportaria de modo heróico, como competia a um enviado cristão aos inimigos da sua fé e de seu rei⁵⁴. Este episódio, em certo sentido, funcionava como antítese do comportamento de Ganelon na *Chanson de Roland*, pois no *Fierabras* os interesses do senhor e da Cristandade ficaram acima de qualquer consideração pessoal. Em várias oportunidades o poema deixa claro serem essas ocasiões passageiras, e o destino criminoso de Ganelon já estaria determinado. O sangue impuro não permitia alterar a personalidade desse indivíduo. Portanto, os poemas posteriores à *Chanson de Roland*, mas narrando aventuras anteriores ao desastre, podiam até mostrar as qualidades deste que mais tarde seria traidor, sem contradizer a tradição do Ganelon infiel, subordinando ainda o caráter dele ao de sua linhagem, convertida em um criadouro de cavaleiros infiéis, de modo a tornar predestinada, na poesia épica, a queda do responsável pelo massacre de Roncesvales.

Essa visão dos traidores como clã vai se fixando no decorrer do século XIII, e quando são escritas as prosas do século XV, com base nas antigas canções de gesta, a idéia de uma linhagem traidora ameaçando o império carolíngio e a cristandade já está cristalizada. Essa representação passa para as traduções castelhana e portuguesa da *História do Imperador Carlos Magno*, onde se conserva o resultado final do processo.

Na obra de Jerônimo M. de Carvalho, os capítulos que formam o Livro II seguem muito fielmente o desenrolar da história contida na canção de *Fierabras* do final do século XII e os dois episódios onde há a ameaça de traição foram conservados. O primeiro é quando Galalão aconselha o imperador a voltar à França, abandonar os Doze Pares na Espanha e reunir mais homens para fazer frente aos turcos⁵⁵. A justificativa para tal permanece como a idéia de que os cavaleiros já estariam mortos e não adiantava a hoste continuar a guerra naquele momento. A chegada de Ricarte da Normandia com notícias de Roldão e dos outros cristãos impede a consumação do crime.

O segundo episódio é o da ponte de Mantible, onde Alorino planeja retirar-se com a linhagem, abandonando o rei então cercado pelos pagãos⁵⁶. Como no poema original, Galalão recusa-se a tal ato de infidelidade e socorre seu senhor. Mas o texto é igualmente claro ao alertar que no futuro ele cometeria um crime grave e conheceria sua perdição. A queda de Galalão ocorre de modo diferente daquele existente na *Chanson de Roland*, pois baseada na sua adaptação clerical, a *Chronique du Pseudo-Turpin*. Esta narrativa não apresenta a motivação para o personagem buscar a morte de Roldão, não existindo disputa quando da escolha da embaixada a Saragoça. Desta forma, os capítulos II-VI, do Livro IV da *História do Imperador Carlos Magno*, onde é tratado o desastre de Roncesvales, funcionam como o ponto de chegada do destino de Galalão, destino este ditado pela sua origem linhageira, da qual herdou a maldade e a infidelidade que só poderiam conduzi-lo à realização de um ato de traição de graves conseqüências para seu senhor e para a Cristandade. O crime foi agravado por seu esforço em impedir o retorno de Carlos para ajudar os Doze Pares. Mas, tal como na *Chanson de Roland*, a parentela não está presente na embaixada do traidor junto aos pagãos e nos acordos celebrados com Marsílio. Quando da condenação de Galalão, não há julgamento de Deus através do duelo entre dois campeões, sendo o culpado rapidamente esquarterado por ordem do imperador⁵⁷. Não houve necessidade de comprovação da culpa ou contestação à determinação imperial de executar o culpado. Em conseqüência, não foi exercida nenhuma punição

⁵⁴ *Idem*, vv. 5631-5756.

⁵⁵ *História do Imperador Carlos Magno*, pp. 102-105.

⁵⁶ *Idem*, pp. 111-112.

⁵⁷ *Idem*, p. 165.

à linhagem do traidor, apesar dos maus exemplos levantados durante a narrativa. A Primeira Parte da *História do Imperador Carlos Magno*, herdeira da tradição épica francesa medieval, teria seu final no retorno de Carlos à França, após cuidar do sepultamento dos Doze Pares. Já a Segunda Parte da obra, sendo uma adaptação das prosas italianas renascentistas, não teve espaço para a linhagem de Ganelon e suas tentativas de tomar a coroa ou prejudicar os fiéis vassallos do rei. Em compensação, temos até o livro IV da Primeira Parte uma história, mais ou menos retilínea, da paulatina perdição de Galalão, cujas qualidades demonstradas ocasionalmente não eram suficientes para anular sua trágica predestinação.

Assim, a análise do texto português da *História do Imperador Carlos Magno*, apesar de escrita muito depois da época áurea das canções de gesta, mostra o resultado final de um processo secular de transformações a alterar a representação da traição na poesia épica francesa. De um crime individual, motivado por questões pessoais, na *Chanson de Roland*, passou-se a um crime coletivo, envolvendo toda uma parentela, cuja maldade estava no sangue de seus membros. Esse crime, mesmo quando não concretizado em determinado momento, permaneceria como uma possibilidade a vegetar no seio do reino épico francês, dentro de uma poderosa linhagem, aguardando ocasião oportuna para ser posto em prática.

RESUMO: A *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França* conservou a lembrança dos heróis da epopéia francesa medieval no sertão brasileiro e mostrou a traição como um crime indesculpável, na figura de Galalão e de seus parentes. Esta linhagem de traidores não surgiu logo no início da difusão das canções de gesta, cerca de 1100, mas passou por um processo no qual um ato individual de Ganelon contra Rolando se transformou, na passagem do século XII ao XIII, em uma propensão de todos os “ganelidas”. A poesia épica deixava de ver a traição como uma ação individual para encará-la como atitude coletiva.

Palavras-chave: Cavalaria – Canção de gesta – fidelidade – monarquia – traição

ABSTRACT: The *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* retained the memory of the French medieval epic’s heroes in the Brazilian ‘sertão’ and showed betrayal as an unforgivable crime, in the Galalão’s figure and his relatives. This traitors’ lineage did not come in the early songs of geste’s diffusion, about 1100, but went through a process in which a Ganelon’s individual act against Roland became, in the passage of the twelfth to the thirteenth century a propensity to all “Ganelidas.” Epic poetry ceased to see the betrayal as an individual action to see it as collective attitude.

Key-words: chivalry – *Chanson de geste* – fidelity – monarchy – betrayal